

Um personagem à procura de um autor

Apesar de todas as cautelas que devem cercar os resultados de pesquisas de opinião feitas a cinco meses da eleição presidencial, está-se espalhando pelo país a evidência de que é a cada dia mais provável a vitória do candidato Fernando Collor de Mello, e já no primeiro turno, pois ele praticamente atingiu a maioria absoluta das intenções de voto. A última pesquisa do Ibope dá ao ex-governador de Alagoas nada menos do que 43% da preferência do eleitorado, deixando longe, bem lá atrás, os seus dois principais concorrentes: Leonel Brizola, com 11%, e Luís Inácio Lula da Silva, com 8%. E com uma particularidade importante: aqueles 43% se distribuem de forma cada vez mais homogênea por todas as regiões e por todas as classes sociais.

O que interessa hoje às pessoas responsáveis em todo o país — e entre elas talvez possamos incluir até mesmo o próprio candidato — não é mais, portanto, saber se Collor de Mello pode ou não ganhar, mas duas outras questões: Como explicar o fenômeno? Se vitorioso, como o candidato do minúsculo e inexpressivo PRN — Partido de Reconstrução Nacional — se arranjará para governar um país com a complexidade do Brasil, que atravessa talvez a mais grave crise de sua história, ao mesmo tempo política, econômica e social?

Para a primeira pergunta, a resposta talvez esteja no teatro do italiano Luigi Pirandello, mais especificamente no título de uma de suas peças — “Seis personagens em busca de um autor”. Neste caso, seria “Um personagem em busca de um autor”.

Multiplicam-se os sinais de que o eleitorado brasileiro, desiludido, mas ao mesmo tempo ávido de participar da escolha do presidente da República, depois de um jejum de quase 30 anos nesse tipo de eleição, está criando um personagem que ainda não existe na realidade. Os próprios pontos fracos de Collor de Mello, aliás, agiram a seu favor: homem sem passado político significativo e sem programa definido para o Brasil, trata-se de uma página em branco, de candidato sem rosto definido. É o eleitorado que está desenhando seu retrato, a seu gosto.

Dizer que Collor de Mello caminha para a Presidência da República baseado apenas em sua fama de “caçador de marajás” e em suas promessas de moralização da administração pública é simplificar perigosamente a realidade. O personagem Collor de Mello está sendo criado pela maioria do povo em resposta à falência de uma elite política — se é que podemos usar esta expressão — incompetente, mesquinha em seus interesses fisiológicos e dominada em sua visão do mundo e dos problemas nacionais por um resistente subdesenvolvimento político. Em outras palavras: insensível às angústias do povo, regida pelo cínico dito “Mateus, primeiro os teus”, e sem um projeto à altura do Brasil.

Em maior ou menor grau, isto se aplica tanto ao Executivo como ao Congresso e aos demais candidatos, com raríssimas exceções. Que opções se apresentam ao eleitorado? O sr. Leonel Brizola, o segundo colocado, quando não está fazendo divagações sobre o inencontrável “modelo australiano”, ou se perdendo em respostas espertas destinadas a agradar a todo o mundo, está tentando, até mesmo à força de antigas marchinhas carnavalescas, ressuscitar o fantasma de Getúlio Vargas, o homem do Estado Novo, do sindicalismo fascistóide, da centralização administrativa e da estatização. Lula, o terceiro colocado, com sua barba fora de moda, seu boné da **griffe** Lénin, seu socialismo em tempo de massacre na Praça da Paz Celestial, parece-se cada dia mais com a caricatura de si mesmo. Quanto ao dr. Ulysses, candidato de nosso “maior partido”, só tem a oferecer a garantia da **mesmice**, ou seja, disso que o sr. Quéricia, em São Paulo, o sr. Newton Cardoso, em Minas, e daí para frente representam.

O sr. Collor de Mello tem sido até agora muito menos ele próprio do que a revolta do eleitorado contra tudo isso. Seu impressionante crescimento eleitoral mostra como o povo projeta nele seus anseios de modernização, de crescimento econômico, de fim das querelas ideológicas, de fim da incerteza inflacionária e de moralização dos costumes políticos. O personagem está claramente desenhado por um povo órfão de elites políticas à sua altura. O autor desse personagem, aquele que pode transformá-lo numa realidade política, tirando-o do terreno da simples aspiração, só pode ser o próprio sr. Collor de Mello.

Se ele conseguir resolver o paradoxo de Pirandello, que no caso significa encarnar efetivamente o personagem que o eleitorado imaginou, cresce a probabilidade de que mantenha esse ritmo até as eleições e seja o vencedor em novembro. Para isso, contudo, terá de formular ao menos o esboço de um programa coerente, capaz de tirar o país do atoleiro, colocando-o no rumo da modernidade e do crescimento, além de provar que tem capacidade para mobilizar os quadros necessários para governar.

Este não é um obstáculo intransponível. A próxima eleição dará ao novo presidente, qualquer que seja ele — pois nada ainda está decidido —, um amplo respaldo popular, suficientemente grande para reformular o frágil e inconsistente quadro partidário que aí está. Quanto aos quadros para governar, eles poderão ser facilmente recrutados até mesmo fora do âmbito político.

Ao sr. Collor de Mello, até agora bafejado pela sorte, muito além de suas próprias expectativas, não faltam motivos para séria e madura reflexão sobre as responsabilidades que o eleitorado quer colocar sobre seus ombros.